

DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA SUPLANTAR A DEFASAGEM NO ENSINO PÓS-PANDEMIA

Thaís Estrella Scherer Latsch¹

RESUMO: O início da pandemia causada pelo corona vírus COVID-19 afetou diversas áreas pelo mundo e trouxe consequências políticas, econômicas, sociais e educacionais. Com a necessidade do isolamento social, levantaram-se debates sobre o uso de tecnologias da informação no sistema educacional para atividades não presenciais. Devido ao fechamento das escolas, o ensino remoto predominou, exigindo um novo educador que precisou se reinventar, se adaptar às novas tecnologias, metodologias e transformações para ensinar. Como consequência disso, desafios educacionais surgiram e ficou evidente a necessidade de desenvolver novas competências para garantir aprendizagem de qualidade a todos. A principal problematização que essa pesquisa bibliográfica apresenta é como desenvolver as competências necessárias para suplantiar toda a defasagem no ensino pós-pandemia? Com base na neurociência educacional, devemos repensar práticas pedagógicas ativas capazes de estimular o aprendizado e o desenvolvimento do aluno como sujeito pleno. O Artigo, com metodologia focada na pesquisa bibliográfica e exploratória, aborda as habilidades necessárias para suplantiar a defasagem no ensino. O objetivo geral pretende demonstrar a necessidade de um planejamento estruturado às práticas escolares, essenciais ao enfrentamento da evasão escolar, dificuldades de aprendizagem e falta de motivação que levam a desistências. Como resultados observou-se que por meio da educação é preciso repensar a escola como um todo, reorganizar práticas, a sala de aula, a maneira de pensar a didática e realizar um novo planejamento pedagógico para o desenvolvimento das competências necessárias para suplantiar a defasagem no ensino. Em sua conclusão, nota-se um cenário de mudanças na educação, em que tecnologias podem se tornar aliadas que rompem com aulas passivas e tornam-se reflexivas, agregando referências para a construção coletiva do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-pandemia. Defasagem ensino. Competências. Neuroeducação

INTRODUÇÃO

A pandemia trouxe novos desafios para uma aprendizagem efetiva. Independente do formato presencial ou remoto, as escolas precisaram se adaptar a um programa curricular flexível e ativo, integrando modelos de ensino que valorizam a diversidade. Estudos apontam que alunos pertencentes a uma classe de vulnerabilidade econômica e social, muitas vezes não conseguem ter o mesmo acesso à educação como alunos em situações mais privilegiadas, enfatizando a desigualdade que já era existente. Como analisa Boaventura de Souza Santos (2020, p. 7), no livro *A cruel pedagogia do vírus*, “[...] a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados [...]”. A baixa escolaridade é característica em famílias socialmente vulneráveis, segundo Ferreira e Marturano (2002, p.39) “crianças provenientes de famílias que vivem com dificuldades econômicas e habitam em comunidades vulneráveis, tendem a apresentar mais problemas de desempenho escolar e comportamento”.

¹E-mail: thaislatsch@gmail.com

É relevante enfatizar a necessidade de mudanças e adaptações na oferta de ensino para recuperar a defasagem no pós-pandemia, como desenvolver competências necessárias para suplantar tais carências que podem evidenciar ainda mais a diferença entre classes sociais, pois não podemos nos afastar da proposta da Constituição Federal, Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Com garantias de qualidade e equidade.

Será preciso muito esforço para recuperar a os atrasos que ocorreram com o ensino remoto no Brasil, para que os estudantes tenham seu amplo desenvolvimento global garantido e sejam cidadãos críticos e democráticos vivendo plenos em sociedade. A pandemia evidenciou questões existentes no ensino presencial, como desigualdades sociais, falta de equidade, dificuldades em providenciar recursos e acessibilidade na busca por uma educação de qualidade, agravou tais situações e antecipou outras, mostrando a necessidade urgente de investimentos em estrutura física e pessoal, formação docente, reestruturação nas práticas pedagógicas que possam promover um ensino mais ativo.

É importante aprender em relação dinâmica, propor intervenções adequadas, criar condições para o aluno alcançar a aprendizagem. A escola então deve ser flexível, adaptar projetos e levar a situações que promovam aprendizagens vinculadas à experiência social. Segundo apontamentos de Cunha, Silva e Silva (2020, p. 36):

O Ensino Remoto Emergencial, implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas nos indicadores sociais, seja de nível nacional ou dos micro contextos escolares, a fim de evitar o aprofundamento das desigualdades já existentes no país. Neste aspecto, é vital o debate com educadores/as e pesquisadores/as politicamente engajados/as na área de educação visando a elaboração de projetos e políticas educacionais que busquem alcançar uma educação incluyente, democrática e desenvolvimental.

É importante compreender as perdas que o formato remoto trouxe em relação às atividades presenciais: quanto mais jovem o aluno, menor sua maturidade para se dedicar aos estudos de forma autônoma, sem recursos e auxílio do professor – o que é imprescindível ao processo de ensino aprendizagem. Outro ponto importante a ser considerado é a falta de infraestrutura, formação docente, tecnologias e outros

elementos que se fazem necessários para diminuir transtornos gerados pela pandemia à educação. Os objetivos específicos desta pesquisa bibliográfica envolvem a recuperação da defasagem no ensino através de práticas ativas, investimentos na formação de professores, fatores essenciais na resolução de problemas com intuito de reduzir as profundas desigualdades educacionais; pensar em um ensino que compreenda o estudo do cérebro e sua relação com as formas de aprendizado e possíveis dificuldades, enxergando o aluno como um ser que reflete e aprende, desenvolvendo técnicas e métodos para ampliar a eficiência das práticas pedagógicas e recuperar possíveis defasagens no ensino pós-pandemia. É preciso reduzir prejuízos eliminando primeiramente as desigualdades resultantes de diferenças nos contextos sociais, oferecendo oportunidade igualitária a todos.

As novas tecnologias criaram espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. A cada dia, mais pessoas estudam em casa, pois podem, de casa, acessar o ciberespaço da formação, buscar fora - na informação disponível nas redes de computadores, interligados - serviços que respondem às suas demandas de conhecimento (GADOTTI 2000, p. 249).

A necessidade do distanciamento mostrou a importância da democratização da internet, trazendo à tona o pensamento para alternativas que possam modernizar o ensino no Brasil. É estimado que a pandemia acelerou transformações no ensino em até 10 anos, com metodologias ativas e o ensino híbrido. O ensino remoto reorganiza a sala de aula e efetua novos planejamentos pedagógicos relevante a prática, modernizando e distribuindo o ensino de novas formas.

A escola não é um espaço físico: é, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E, se ela quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela. No final da década de 60, anunciava-se o fim da escola, o fim do professor, o advento da aldeia global televisiva. No entanto, a escola, mesmo atacada, vem-se fortalecendo no que tem de específico, a construção da cultura elaborada, incorporando as novas tecnologias e tirando proveito delas (GADOTTI 2000, p. 209).

Caberá a escola formar geradores de conhecimento, novos saberes, modificando as relações entre alunos e professores, buscando interações permanentes entre seus integrantes. Cabe ao professor tecer a trama do desenvolvimento individual e coletivo, manejando instrumentos que a sociedade indicará como representativo dos modos de vida e pensamento dos novos tempos.

Para ter êxito nessa operação difícil e delicada, hoje sabemos que é primordial que os professores não sejam mais vistos como indivíduos

em formação, nem como executores, mas como atores plenos de um sistema que eles devem contribuir para transformar, no qual devem engajar-se ativamente, mobilizando o máximo de competências e fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto ou médio prazo (PERRENOUD, 2002, p. 90).

O artigo visa contribuir com a prática escolar e o planejamento do ensino, auxiliando com propostas e ideias para prática pedagógica e metodologias ativas que vão contribuir no enfrentamento ao tentar combater a evasão escolar por desistência dos alunos, a falta de motivação, depressão entre outras causas. É preciso compreender a mente humana, a formação do sistema nervoso central, a estrutura do cérebro e suas relações com a forma como se aprende para buscar possíveis dificuldades no ensino aprendido e encontrar novas resoluções para a motivação do aprendizado. Trazer em foco a necessidade para suplantar a defasagem do ensino no pós-pandemia a partir de competências específicas que auxiliam no processo de formação humana é fundamental neste momento.

1. MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO

A educação vem passando por mudanças e transformações ao longo da nossa história. Um dos fatores de extrema importância foi a escola tornar-se pública, ocorrendo em espaços próprios de ensino onde atende maior público, começando o reconhecimento da infância e percebendo a criança como um ser diferente do adulto. São observadas mudanças que refletem a necessidade ao acesso na educação básica, mas com longo percurso ao processo de efetivação ao direito a uma educação de qualidade para todos. Educação como dever do Estado, deve oferecer um sistema educacional de qualidade, a Constituição Federal de 1988, enunciou:

Em seu artigo 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Art. 206. “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade.”

No Brasil, ainda existem algumas barreiras em relação ao ensino público, até mesmo pela dificuldade ao acesso à educação. A lei 13.005/2014, de 26 de junho de 2014, estabelece o novo Plano Nacional da Educação (PNE) tem como função a “articulação e a definição de diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do Poder Público”.

A sociedade e instituições de ensino precisam defender a educação em todos os níveis, modernizar o ensino buscando por melhorias que eliminem o déficit de qualidade presentes em todos os níveis de ensino, universalizando a educação básica, expandindo assim o atendimento e democratizando oportunidades, para que seja possível cumprir políticas públicas para elevar o padrão da qualidade do ensino. O impacto que a pandemia trouxe a educação é considerável, afetando diretamente as escolas que precisaram de adaptações para o novo modelo de ensino remoto.

Os professores estavam acostumados com a forma tradicional de ensino, pois o ambiente de sala de aula dava-se pela aproximação e interação física entre sujeitos. A nova configuração educacional se dá pelo ensino online, no qual é uma nova forma para muitos professores e não se pode presumir que as salas de aulas virtuais sejam idênticas às interações em sala de aula tradicionais (XIAO E LI, 2020).

Escolas vem se organizando e reinventando para atender seus alunos, compreendendo a importância de aprender a aprender e compartilhar conhecimentos com outros, construindo mecanismos favoráveis a formação de cidadãos críticos, que possam buscar oportunidades e melhorias em sua qualidade de vida.

1.1 Planejamento de ensino às práticas escolares: enfrentando a evasão escolar

No atual momento, é preciso repensar o que queremos do atual sistema educacional, reavaliar a qualidade do ensino, repensar em quem estaremos formando para o futuro em nossa sociedade. Quais serão suas contribuições, o currículo escolar está sendo suficiente para oferecer o melhor a todos ou o programa se torna desigual segundo nível social em que o aluno está inserido? A sociedade deve cobrar por seus direitos constitucionais, devemos lembrar a corresponsabilidade entre família, escola e professor na formação de nossos estudantes, buscando sempre evitar a evasão escolar que acontece por diversas razões, como por exemplo falta de motivação.

A família tem um papel de extrema importância na formação e desenvolvimento integral da criança, com papel decisivo na formação de valores e caráter, devendo sempre intervir quando necessário, desempenhando a tarefa de orientar com intuito de favorecer seu crescimento e sua aprendizagem em contexto social, sendo a estrutura

que realiza mediações e protege. Atualmente observamos famílias sobrecarregadas com diversas tarefas, não dando o suporte necessário a formação da criança, deixando tais responsabilidades aos cuidados da instituição escolar.

A escola é espaço preparado para mediar e orientar o processo de aprendizagem dos alunos, nela há interação constante, diversidade cultural que favorece a troca de experiências, formação de valores, tornando os discentes reflexivos dentro de um contexto multicultural e diversificado. Interações contínuas em suas complexidades, proporcionam laços afetivos e a construção do conhecimento. É importante que aconteça parceria entre escola e família, para alcançar objetivos em conjunto, quando não há integração e envolvimento entre ambas as partes, observamos a deficiência para se chegar a uma educação de qualidade. Não devemos enxergar a escola como o centro de transmissão de conhecimentos e conteúdos escolares e a família como sendo a educação informal, o ensino e o desenvolvimento do aluno deve ser objeto de atenção das famílias junto com a escola. “As famílias não veem a escola como segunda etapa da educação, criam nela toda a expectativa de que será responsável, a vida toda, pela educação de seus filhos. E, em muitas vezes, deixam de fazer sua parte” (FREITAS, 2011, p.20).

O professor não deve se colocar como um mero transmissor de conhecimento. Hoje a realidade é diferente, é preciso ir além da sala de aula, na transmissão de valores, facilitando o processo de aprendizagem.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSORIO, 1996, p.82).

Segundo Piaget o conhecimento ocorre pelas trocas entre indivíduos e o meio em que vivem, responsáveis pela construção da capacidade de aprender, através da assimilação e acomodação, desequilíbrios e reequilíbrios, possibilitando a construção de novos esquemas mentais entre equilibrar e desequilibrar. Piaget argumenta que desde o nascimento, a criança constrói estruturas cognitivas para uma melhor adaptação ao meio:

A aprendizagem depende dos conhecimentos anteriores de cada um e de suas experiências. Para ampliá-la, além de propor situações que desestabilizem os conhecimentos estabelecidos, é preciso que eles se sintam motivados a realizar um esforço cognitivo para superar o problema, a segunda é que, os fatores normativos do pensamento correspondem biologicamente a uma necessidade de equilíbrio por

auto regulação: assim a lógica poderia corresponder no sujeito a um processo de equilíbrio. (PIAGET, 1969, p. 15-16).

Dentro do processo de aprendizagem, compreendemos que cada criança possui seu tempo para aprender, é preciso entender o ser de forma integral e respeitar singularidades e o tempo de cada um em relação ao processo de ensino aprendizagem e sua maturação neuronal.

1.2 O ensino que compreende o cérebro e suas relações com a forma de aprender e possíveis dificuldades.

Para entender a maturação cerebral no desenvolvimento comportamental, é importante relacionar mudanças anatômicas a mudanças no comportamento do indivíduo. Essa maturação é caracterizada por progressivos eventos relacionados a modificações em nível comportamental. A neurociência tem por objetivo observar, identificar, analisar, criar estratégias e adaptar o currículo para os alunos, as funções intelectuais como memória, linguagem, atenção, emoção, ensinar e aprender, são produzidas pelas atividades neuronais no encéfalo, que é o órgão relacionado a aprendizagem. Nos seres humanos, o encéfalo possui aproximadamente 86 bilhões de neurônios que interagem entre si e com outras células, formando assim as redes neurais para aprendermos o que é relevante a nossa vida.

Os neurônios são células excitáveis que se comunicam umas com as outras por mensagem eletroquímica e o nosso comportamento depende do número de neurônios envolvidos em rede e dos neurotransmissores. Nosso cérebro possui uma plasticidade que favorece a adaptação ao meio, criando caminhos e essa plasticidade ocorre por meio do aprendizado. Essa capacidade adaptativa do Sistema Nervoso Central, “permitindo modificações na sua própria organização estrutural e funcional” (ODA; SANT’ANA; CARVALHO, 2002, p. 173).

No cérebro, os mecanismos onde ocorrem plasticidades incluem modificações neuroquímicas, sinápticas e outras estruturas neuronais. Acreditava-se que o cérebro era incapaz de gerar novas conexões. Hoje sabe-se que o sistema nervoso tem capacidade de alterar-se através de estímulos internos e externos por plasticidade neuronal, promovendo modificações nas células nervosas para se adaptar a estímulos. A neuroplasticidade é um processo fisiológico intrínseco ao ser humano, fundamental ao processo de aprendizado e evocação de novas memórias que se formam a partir de novas conexões.

Bruner, em suas pesquisas, relaciona maturação e interação do sujeito com o ambiente, sendo fatores essenciais em seu processo de desenvolvimento, dando

ênfase ao contexto psicológico, transmissão social, identidade e imitação durante sua formação, discutindo questões como:

[...] a educação não ocorre apenas nas salas de aula, mas em torno da mesa do jantar quando os membros da família tentam extrair um sentido conjunto do que aconteceu durante aquele dia, ou quando as crianças tentam se ajudar para extrair sentido do mundo adulto, ou quando um mestre e um aprendiz interagem no trabalho. Portanto, não há nada mais apropriado do que a prática educacional para se testar a psicologia cultural (BRUNER, 2001, p. 9).

O autor sugere um conceito de educação articulada com a construção do conhecimento, a teoria construtivista prioriza questões cognitivas, conhecimento é construído por professores e alunos em conformidade, segundo realidades vivenciadas. Bruner evidencia a importância do reforço escolar, repetições que fortalecem o aprendizado.

A motivação é intrínseca a aquisição de novas aprendizagens, cabe ao educador estimulá-la entre seus alunos, respeitando individualidades no coletivo. Motivar significa encorajar recursos, competências, autoestima, autonomia, realizações que merecem destaque. O aluno com transtorno e/ou dificuldade perde a motivação nos estudos, o professor precisa estar atento e saber lidar com situações motivacionais de aprendizagem. O cérebro precisa de estímulos com intervalos e repetições, tais estímulos são compreendidos em diferentes circunstâncias onde ocorre o desenvolvimento do aprendizado. Sua capacidade em adaptação a novas informações é estruturada e dinâmica, atendendo a diversas ações que englobam articulação de ideias e consciência, ideais ao funcionamento da motivação.

Ausubel sugeria não apenas memorizar o conteúdo, mas dar significado a ele, o conceito central de sua teoria é a aprendizagem significativa, processo onde a informação se relaciona com aspectos específicos e relevantes da estrutura do conhecimento de cada indivíduo, envolvendo interação e informação, conhecimentos específicos que segundo autor:

A essência do processo de aprendizagem significativa e ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substantiva (não-literal) e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante para a aprendizagem.

Atualmente, conseguimos compreender a sistematização cerebral no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, em contato com novas informações, acionamos o sistema nervoso central no processo de recompensa. É papel da escola entender mecanismos para reestruturar metodologias pedagógicas

que serão aplicadas em sala de aula. É necessário oferecer subsídios para a criança aprender, segundo a realidade do indivíduo, transformando o espaço escolar para que a prática aconteça. “A profissão docente é uma profissão do conhecimento, cujo compromisso está em “[...] transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos.” (MARCELO, 2009, p.8)

Outros fatores como a alimentação e o sono devem ser levados em consideração em relação aos aprendizes. Dormir bem e alimentar-se adequadamente é fundamental para bons resultados escolares, faz parte do desenvolvimento orgânico e cognitivo que contribui ao processo de ensino. Estudos observam que a desnutrição interfere na capacidade de aprender, pois o cérebro consome glicose para fortalecer memórias, sendo assim, crianças em situação de miséria apresentam significativo déficit no aprendizado. Para que ocorra a fixação de nossa memória, formada ao longo do nosso dia a dia, é necessário dormir por um período de 7 horas diárias, durante o período do sono de qualidade o que aprendemos e estudamos é fixado. O sono regula também as condições gerais de nossa memória e propicia bem-estar ao longo do dia.

1.3 Competências para suplantar a defasagem do ensino no pós-pandemia.

A pandemia evidenciou desafios e novas formas de pensar a escola, nos movendo da sala de aula ao ciberespaço. O professor já trabalha mais em um espaço delimitado para mediar a prática pedagógica, sendo redimensionado para outros espaços de formação: a pandemia modificou os modelos de ensino.

Sendo assim, o professor deve oportunizar atividades que disponibilizem recursos aos alunos para se desenvolverem de acordo com seu próprio ritmo de aprendizagem, com habilidades cognitivas envolvidas e socioemocionais que são essenciais ao processo, segundo Montessori: “O movimento livre facilitando exploração e desenvolvimento e a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade da mestra”, reconhecendo e respeitando o desenvolvimento cognitivo da criança” (MONTESSORI, 1965, p. 97).

Maria Montessori enfatiza que novas leituras de mundo, juntamente com reflexões e ações cidadãs, estimulam a autonomia e a capacidade de fazer boas escolhas, onde a criança pode recriar percepções de suas vidas criando novas experiências. Quando a criança se torna consciente, continua se apropriando de estímulos ao redor, sendo capaz de responder por si só e desenvolver capacidades cognitivas e motoras, utilizando sua imaginação.

A Pedagogia Crítica Social dos Conteúdos defende que saberes historicamente acumulados sejam difundidos e apropriados criticamente, instrumentando alunos a lidar com a realidade social, preparando-os para interferirem, transformando a

sociedade mais justa. Luckesi, afirma que “preparar o aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade” (LUCKESI, 1994, p. 58).

A escola não foi criada para ser trabalhada de forma não presencial, então o trabalho remoto exige reinvenção de práticas educativas para aproximar o aluno ao ambiente virtual. As práticas pedagógicas possuem embasamento teórico e propostas formuladas segundo especificidades de cada etapa da Educação Básica.

[...] para fazer as práticas evoluírem é importante descrever as condições e as limitações do trabalho real dos professores. Partir desta compreensão é a nosso ver uma das alternativas capazes de potencializar os processos formativos que visam qualificar o ensino-aprendizagem na atualidade. (PERRENOUD 2002, p. 17)

O professor é agente proativo no processo educativo, orienta e realiza mediações para que ocorra a construção do conhecimento. As contribuições de Wallon foram significativas para entender a criança em seu aspecto global, valorizar emoções no processo ensino-aprendizagem, analisar o papel do professor nesse contexto e a função da escola no desenvolvimento enquanto meio social estimulando uma visão humanista. Wallon com enfoques nas questões motoras, cognitivas e afetivas, propõe que “a noção de domínios funcionais entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 1995, p. 117).

Para combater a defasagem da aprendizagem, é necessário que a equipe pedagógica, gestores e professores, considerem a diversidade dos estudantes, compreendendo as possíveis razões para desistências e dificuldades que englobam questões socioeconômicas, dificuldades em aprender e outros fatores que levam a necessidade de reforçar vínculos entre aluno e escola. Vivemos em um tempo delicado, onde o acolhimento e a escuta se fazem necessários para a construção da relação afetiva entre escola e aluno, é importante retomar a atenção aos alunos com famílias que estão desestruturadas, para que possa ser alcançado equilíbrio no processo de ensino e aprendizado. A construção do conhecimento e a adaptação do indivíduo com o meio em que vivem se unem, sendo necessário competências com o princípio de “aprender a aprender”.

Vygotsky (1984, p. 98) defende a diferença entre o que o aluno sabe e o que ainda não sabe, mas está próximo de saber, considerado como avanços na zona de desenvolvimento proximal, instrumento útil e importante ao processo de aprendizagem no geral e nas esferas organizacionais, relativos ao trabalho humano. Entender tais questões possibilita que novas aprendizagens possam surgir a partir de uma visão

atenta aos alunos como sujeitos ativos. Para o autor “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Neste momento em que começamos a sair de um isolamento social, mais do que nunca a escola se torna lugar de interação e colaboração, onde aquele que pode aprender com maior facilidade irá compartilhar o conhecimento com quem não consegue estudar sozinho. Competência é a aptidão para mobilizar formas “corretas, rápidas, pertinentes e criativas, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio” (PERRENOUD et al., 2002, p. 19).

É importante conhecimentos sobre habilidades e competências cobradas em cada área de ensino para repensar alternativas e aplicá-las em aula. Competências não retiram conteúdo do currículo escolar, mas inserem profundidade e significados para alunos que irão relacionar situações, se tornam instrumentos fundamentais para solucionar problemas. Durante o planejamento pedagógico, convém pensar em atividades para um engajamento que leva em consideração maneiras como se aprende e como levar motivação ao aluno que precisa se tornar autor no processo de ensino-aprendizagem, com autonomia e responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pandemia e a necessidade ao isolamento social, com o ensino remoto observaram-se relatos que mostram prejuízos à aprendizagem de forma acentuada aos estudantes, principalmente os que vivenciam situações de vulnerabilidade social. Com a demora ao retorno das atividades presenciais tornou-se complexo promover o ensino sem acessar a real situação de aprendizado do aluno. Alguns tópicos que podem ajudar no atual momento são:

- A falta de estrutura e recursos, déficits na formação dos professores, dificuldades na relação família e escola, desigualdades e problemas sociais, podem aumentar a defasagem escolar. A maneira para lidar com isso pode ser o fortalecimento da interação com a família, diversificar formas de ensinar tendo como foco principal a neuroeducação que compreende como o cérebro aprende e quais as melhores estratégias para promover um aprendizado efetivo. Atuar com reforço escolar dividindo estudantes em grupos de necessidades ou interesses, revisando estratégias de ensino e acompanhando o engajamento dos estudantes constantemente com uso de metodologias ativas.

- Distanciamento entre pessoas, higienizar as mãos, uso de máscara, capacitação profissional foram algumas recomendações do Governo Federal do Brasil para a segurança na volta às aulas presenciais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), da Organização PanAmericana de Saúde (OPAS), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do próprio Ministério da Saúde do Brasil (MS), Conselho Nacional de Educação (CNE) a partir do que estabelece a Lei nº 14.040/2020, seguida de sugestão de criação de um Conselho Escolar responsável por coordenar, acompanhar e avaliar, sob orientação das autoridades sanitárias locais e das secretarias de educação, o processo de retomada das aulas, fornecendo orientações sobre monitoramento e triagem de alunos, professores e funcionários.

- O currículo escolar, que está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na BNCC e pautado em diretrizes do CNE para educação básica, com objetivo de possibilitar que escolas nos pós pandemia, possam oferecer habilidades previstas em dois anos em um único ano, evitando reprovação em massa. A adaptação da carga horária mínima do ano letivo em curso pode ser efetivada no ano por meio de um currículo continuum de duas séries ou anos escolares seguidos, em forma de ciclos de aprendizagem, respeitando normas legais.

- Reorganizar o currículo do ano atual ao ano seguinte, ampliando dias letivos e carga horária para cumprir objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, trabalhando o essencial de acordo com contexto de cada escola, reorganizando atividades e considerando impactos do isolamento social na aprendizagem. O ensino híbrido, onde parte do ensino acontece em casa e outra parte ocorre de forma presencial, possibilita realização de atividades pedagógicas que levam a efetivação dos direitos de aprender e se desenvolver, previsto na BNCC, são recomendadas avaliações diagnósticas e formativas que auxiliam na recuperação da aprendizagem promovida pela rede de ensino, segundo planejamento pedagógico.

- A sala de aula invertida é um método de ensino que viabiliza o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação, com objetivo de aprimorar e inovar o ensino em espaços formais de educação. O aluno passa a ter autonomia em seus estudos, através de suportes educativos que o levam a sala de aula com embasamento prévio, onde o professor deixa de ser o detentor do saber e se torna mediador do conhecimento. O processo educacional não deve ser apenas em sala de aula, ele pode e deve ser semipresencial, pois esse modelo é capaz de aprimorar atividades educacionais e o aluno se torna agente ativo do processo de aprendizagem.

- Com a necessidade do ensino remoto, cresce a cibercultura para levar informação e conhecimento aos estudantes. Com jogos educativos, aula invertida,

práticas motivacionais, ressignificando e contextualizando práticas pedagógicas, favorecendo a criação de situações para aplicar conhecimentos, exercitando habilidades, proporcionando experiências divertidas. A gamificação é uma forma de aplicar conhecimento e engajamento entre pessoas, motivando ações e encorajando aprendizagem, promovendo resoluções de problemas diversos.

- O ciberespaço, entendido como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17), emerge novas configurações do espaço-temporal, além de novas práticas comunicacionais e formas de relacionamento social. O autor ainda destaca transformações e inteligência coletiva que modificam o processo de construção do conhecimento. As rápidas mudanças tecnológicas nos impedem de acompanhar mudanças no mundo tecnológico, levando a certas resistências caracterizada como:

Um dos principais motores da cibercultura, permite melhor apropriação das alterações técnicas e das mudanças na sociedade, ao possibilitar a comunicação e troca de informações entre indivíduos que, dispersos no ciberespaço, passam a compartilhar ideias, experiências, conteúdos, agindo coletivamente, de forma cooperativa e descentralizada, na construção e disseminação de conhecimento e na produção de capital cultural. (LÉVY 2010, p.27)

A pandemia apresentou desafios para garantia do ensino, as escolas tiveram a necessidade de se reinventar e oferecer um programa curricular flexível e ativo, associado ao ensino remoto. O ensino a distância evidenciou vulnerabilidades para alunos que não possuíam acesso pleno à educação, recursos para estudos como internet e outros materiais necessários a promoção do ensino. Será preciso esforço para recuperar o que foi perdido com o ensino remoto no Brasil e mudanças urgentes em investimentos em infraestrutura, físicas e pessoal, formação de profissionais da educação e uma nova visão das práticas pedagógicas para um ensino dinâmico, com intervenções adequadas para criar condições para que todos os estudantes alcancem a aprendizagem plena.

O artigo alcançou os objetivos de entender que a recuperação da defasagem do ensino deve ser feito através de práticas ativas, repensando em investimentos na formação de professores, e outros pontos essenciais para resolução de problemas buscando reduzir desigualdades educacionais. Repensar um ensino que compreenda o estudo do cérebro e sua relação com formas de aprender e possíveis dificuldades, desenvolve assim técnicas e métodos para ampliar a eficiência das práticas pedagógicas, recuperando possíveis defasagens no ensino pós-pandemia.

Fica claro nos resultados da pesquisa diferentes planos de ação que podem

ajudar a acelerar a recuperação do ensino como a melhoria na infraestrutura e recursos pedagógicos, investimento na formação profissional, melhorias na relação família e escola, estabelecer um currículo escolar que possibilita que escolas no pós-pandemia possam oferecer habilidades previstas em dois anos em um único ano, evitando reprovação em massa, adaptando recursos a realidade dos alunos.

É preciso repensar o que queremos do atual sistema educacional e reavaliar a qualidade do ensino. A sociedade deve cobrar por seus direitos constitucionais, lembrando a corresponsabilidade entre família e escola na formação dos estudantes, evitando ao máximo a evasão escolar, desistência que geralmente surge pela dificuldade em aprender e a falta de motivação. Cada criança possui um tempo para aprender, segundo a maturação neuronal de cada um que interfere no desenvolvimento comportamental, a neurociência auxilia na observação, identificação, análise, criação de estratégias e adaptação do currículo aos alunos, estimulando funções intelectuais como memória, linguagem, emoção, atenção, ensinar e aprender, atividades neuronais estimuladas no cérebro que é diretamente relacionado a aprendizagem.

O cérebro humano possui neuroplasticidade que favorece adaptação ao meio e cria caminhos para aprendizagem e evocação de memórias a partir de novas conexões. A motivação é intrínseca a aquisição de novos conhecimentos, o educador deve estimulá-la entre seus alunos, sempre respeitando individualidades no coletivo. Atividades devem ser planejadas levando em consideração as formas como se aprende, incentivando o processo de ensino-aprendizagem com autonomia e responsabilidade.

Nos encontramos diante de um cenário de mudanças, as tecnologias podem ser aliadas para romper com aulas passivas e buscar momentos reflexivos, críticos, adaptações às mudanças, inovações que agregam referenciais e embasam a construção coletiva de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Guia de retomadas as atividades presenciais na educação básica.** Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/ptbr/assuntos/GuiaderetornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf>> Acesso em 20 fev. 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1998). **Informe estatístico da educação básica:** evolução recente das estatísticas da educação básica no Brasil. Brasília: MEC / INEP / SEEC. Constituição da República Federativa do Brasil Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

COSENZA, Ramon M. **Neurociência e educação:** como o cérebro aprende. Porto

Alegre: Editora ArtMed, 2011.

CUNHA, L. F. da; Silva, A. de S.; Silva, A. P. da. (2020). **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação.** Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, 7 (3), 27-37. <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

MARCELO, Carlos. **Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro.** Ciências da Educação, n. 8, 2009, p.7-22.

NOVA ESCOLA. **Modelos de aprendizagem para driblar a defasagem escolar.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19974/modelos-de-aprendizagem-para-driblar-a-defasagem-em-2021>> Acesso em 25 jan. 2022.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas: Problema central do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUZA SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

TRICATE, Myriam. **A educação a distância contra a pandemia.** PEA UNESCO. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2020/03/25/educacao-a-distancia-unesco/>> Acesso em 25 jan. 2022.

VYGOTSKY, Levy S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.